

O INTERNACIONALISMO NO SINDICALISMO DOCENTE

*Deolinda Martin **

*Manuel Pereira dos Santos ***

O sindicalismo é desde a sua origem e por essência SOLIDÁRIO e INTERNACIONAL ("trabalhadores de todo o Mundo, uni-vos"!). No movimento sindical agrupa-se, portanto, o MUNDO DO TRABALHO (ou seja, fundamentalmente os "trabalhadores por conta de outrem"), que se distingue claramente do MUNDO EMPRESARIAL, com o qual, embora podendo/devendo partilhar alguns objetivos (desenvolvimento harmonioso dos vários países no Mundo, crescimento económico sustentável e melhoria das condições de vida e de trabalho, justiça social), tem certamente em nome desses mesmos objetivos posições diferentes, e frequentemente antagónicas: são obviamente as visões desses princípios a partir de pressupostos diferentes, e com diferentes prioridades, que levam às oposições e conflitos entre as organizações patronais e os sindicatos, que, em todo o mundo livre (em que estas organizações se podem organizar independente e livremente, sem interferências nem perseguições do Estado), se resolvem por uma combinação dinâmica de lutas e de negociações, no que se convencionou chamar de DIÁLOGO SOCIAL. Essa é igualmente a matriz sindical que tem marcado as direções do SPGL, e em particular o projeto sindical comum que temos corporizado nos últimos 9 anos.

A nível mundial, a evolução política dos últimos anos levou ao agrupamento de algumas das antigas organizações sindicais mundiais de natureza confederam na CSI - Confederação Sindical internacional. Embora a CGTP Tivesse sido convidada a integrar o núcleo refundador da CSI, não o fez, e mesmo as propostas que, por duas vezes, em coerência com os seus princípios, a direção do SPGL apresentou nos congressos da CGTP, foram recusadas pela maioria, apontando-se o caminho da necessidade de debate interno sobre a questão uma vez que coexistem na central diferentes posições sobre a questão em apreço. Contudo o próximo congresso da central realizar-se-á daqui a um ano e o debate ainda não iniciou sequer! Temos a noção que não será uma discussão fácil, nunca é! Levantar-se-ão diferentes argumentos todos devidamente sustentados, mas não a fazer levará a que a pergunta que se colocará é: quando o capital se organiza em termos mundiais e tem a mão livre para um ataque articulado aos trabalhadores, o movimento sindical continuará a não ter um espaço organizado para lhe responder de forma concertada, articulada e coordenada em termos mundiais? Que estratégia tem então?

A nível europeu, a CGTP integra a CES - Confederação Europeia de Sindicatos, e participa ativamente nalgumas das suas federações setoriais e outras instâncias confederais.



**Os desafios
da docência**
perante o recuo dos direitos de cidadania
5 e 6 de fevereiro de 2015
fórum Lisboa

Já no que se refere à FENPROF, somos membros da IE - Internacional de Educação, que agrupa os sindicatos deste setor a nível mundial. A IE organiza-se

por regiões, chamando-se a sua componente para a região Europa IE/ETUCE. A FENPROF participa regularmente nas suas reuniões e congressos mundiais e regionais. Para o Ensino Superior e Investigação, existe um Comité Permanente próprio (HERSC), que reúne duas vezes por ano, e no qual participa a FENPROF. De dois em dois anos, a IE organiza uma Conferência Mundial sobre o Ensino Superior e Investigação, para além dos congressos mundiais da própria IE. Evidentemente que a maioria da ação sindical e intervenção da IES (em qualquer dos setores) está localizada na Europa, mas tem ainda um peso importante na América do Norte e Austrália, um pouco menos na América Latina, e revela imensas debilidades de implantação em África e na Ásia, sendo que nalgumas destas regiões ainda subsistem alguns sindicatos "oficiais", com estrita dependência do governo ou do partido único, mas que, portanto, não integram a IE, que só afilia sindicatos independentes do poder político.

O sindicalismo internacional, e mormente o europeu, privilegia sobretudo os aspetos do diálogo social e da solidariedade, e para tomar posições e definir políticas setoriais tem de conseguir previamente o consenso das várias representações sindicais, o que não é simples, pois provêm normalmente de diferentes correntes ideológicas e políticas, mas, pelo menos no setor que represento (do ensino superior e investigação) tem-se conseguido sempre uma posição conjunta. Estas tomadas de posição servem sobretudo como (mais) um poderoso "lobby" na definição de algumas diretivas e recomendações (europeias e da UNESCO, por exemplo, como foram a Carta Europeia do Investigador, em que participamos ativamente e globalmente foram tomadas em consideração as posições sindicais). Nos últimos anos, aliás, a IE tem colaborado estreitamente com a ESU - European Students Union, e até organizou conjuntamente com os estudantes algumas conferências internacionais no Processo de Bolonha, em assuntos de relevo para alunos e docentes (mobilidade, apoios sociais, etc.).

Quanto à solidariedade internacional entre colegas, quando uma Instituição como uma Universidade ataca os direitos dos seus membros ou não cumpre a legalidade, por vezes consegue-se um movimento de opinião internacional relevante, sobretudo quando nos associamos aos estudantes, e conseguiu -se, por exemplo, ativar um boicote internacional à colaboração científica com uma universidade britânica que se recusava a dialogar com os sindicatos. Outra forma de intervenção solidária internacional deveria passar pela coordenação entre os vários sindicatos e confederações nacionais, para atividades de luta comuns (greves, manifestações ou outras), mas infelizmente a CGTP tem-se na prática mostrado quase sempre bastante adversa a essa simultaneidade.

Há ainda outro aspeto em que a solidariedade se pode manifestar (e em que o SPGL e a FENPROF têm colaborado: o apoio a sindicatos em países mais jovens, ou com menor experiência sindical e em particular para os PALOP's), quer partilhando as nossas experiências de organização, quer nos aspetos de formação de quadros sindicais, de forma a permitir a consolidação de uma cultura cívica e sindical emergente. Posso testemunhar o excelente trabalho feito pela FECC.OO. (Federación de Educación de Comisiones Obreras) na América Latina, com o apoio do governo espanhol, que permitiu aí a criação de uma nova estrutura regional da IE (com 11 países).

Em relação ao continente africano a nossa cooperação, além da que é feita no seio da FENPROF, consolidou-se em 2013, com a assinatura de um protocolo de gemação com o Sindicato de Trabalhadores da Educação, Cultura, Desporto e Comunicação Social do Huambo que potencia a troca de diferentes formas de organizar os trabalhadores e

trabalhadoras e consequentemente, de sindicalismo, rentabilizando os recursos existentes em ambos os sindicatos reforçando laços, história comum e pondo em prática o internacionalismo, fundamental à construção de resistências à agressão permanente sobre os direitos de quem trabalha.

Une-nos a visão de que o sindicalismo é um dos pilares fundamentais no caminho emancipador dos povos!

Une-nos a vontade de, para além da história, construirmos em solidariedade um trabalho conjunto que debata as pedagogias, a autonomia de quem ensina, a carreira docente, as transformações no mundo do trabalho, transportando para cada país uma visão que nos permita, olhos nos olhos, imediatamente, reconhecer quem connosco faz a mesma luta, quem connosco deseja um futuro com trabalho digno, quem connosco está na linha da frente a pugnar por um mundo mais justo em que não haja lugar à exploração e à corrupção!

Na nossa deslocação ao Huambo, descobrimos a resposta alternativa dada por um sindicato que perante enormes dificuldades, tendo saído de uma guerra fratricida, conseguiu na realidade organizar-se procurando de encontro às necessidades prementes que se colocavam e, desde a criação de casas comunitárias para docentes deslocados, apoio às famílias em dificuldades, à construção de uma clínica médica, trabalhou sempre em prol de uma classe essencial ao desenvolvimento do país. Em Angola, as escolas multiplicam-se como forma de através da educação o país ultrapassar a guerra destruidora que o assolou e assim consolidar os caminhos para a paz e para a liberdade.

Há ainda muito a fazer certamente, mas para isso manteremos esta relação de proximidade, em que potenciamos o facto de falarmos a mesma língua e de como representantes da força de trabalho, fundamental à riqueza dos povos, defendermos intransigentemente a sua distribuição equitativa.

Esta é a nossa perspetiva de trabalho sindical internacional: temos consciência de que, sobretudo na Europa, prevalece um sindicalismo de diálogo social e compromisso, que respeita as diversidades nacionais e políticas, mas que se tem pautado, no interior da Internacional de Educação, pela apresentação de propostas políticas em vários domínios de atuação, algumas das quais obtiveram suporte nas instâncias europeias, quer como diretivas, quer como recomendações. Se fossem cumpridas, a situação real dos professores e investigadores estaria bem melhor! Mas reconhecemos também a fraca coordenação que tem havido nas lutas para que se estabeleçam plataformas e coordenações internacionais nessas mesmas lutas, defendemos por isso que a CGTP tem que melhorar e aprofundar essas movimentações pois, a exemplo do que aconteceu a 14 de novembro de 2012, na greve geral ibérica, esse caminho poderá contribuir para que a mobilização dos trabalhadores e das trabalhadoras a nível europeu constitua um importante fator de pressão que introduza a mudança necessária nas políticas de austeridade!

E relativamente aos países menos experientes na atividade sindical, para além de apoio e troca de experiência nos aspetos em que estamos mais rodados, temos de aprender com eles os aspetos mais simples e elementares desse mesmo trabalho local, solidário e próximo dos colegas, algo que, muitas vezes, a nossa burocratização e os nossos vícios, além das nossas divisões sindicais (por vezes pelas piores razões ou as mais caricatas ambições!) nos parece ter levado a esquecer.

Por isso, colegas, camaradas e amigos de todo o mundo, e em particular do mundo da educação e investigação, unamo-nos todos para adquirirmos a força que só a unidade das pessoas que trabalham permite! E por isso foram bem-vindos ao nosso (e também vosso) Congresso do SPGL.

In short, for our English colleagues, “United, workers and Unions are stronger”. So, you are welcome to our (and also your) Congress of SPGL!

* Direção do SPGL – Membro da Comissão Executiva

** Vice-Presidente do SPGL